

O MAIOR DOS EXPLORADORES DA ÁFRICA

DONALD E LOUISE PEATTIE

Depois de realizar talvez o maior feito jornalístico da História, prosseguiu e dedicou sua vida ao desbravamento do Continente Negro

"15 de agosto de 1879. Cheguei à altura da foz do Congo. Dois anos se passaram desde a minha primeira descida pelo grande rio. Tendo sido o primeiro a explorá-lo, serei o primeiro a comprovar a sua utilidade para o mundo. Embarco agora os meus 70 zanzibaritas e somalis com o objetivo de começar a civilizar a bacia do Congo."

Com essa audácia extrema, Henry Morton Stanley, de 38 anos de idade, anunciou no seu diário os planos que alimentava em relação a um vasto território que ele mesmo denominara de Continente Negro. Hoje, melhor que nunca, compreendemos a magnitude do seu sonho. A bacia do Congo mede perto de 2.400.000 quilômetros de território hostil - selva em sua maior parte - e todo ele quente como uma fornalha. Com um punhado de homens, Stanley dispôs-se a domá-lo. A marca de seu nome tornou-se indelével na África.

Henry Stanley nasceu na pobreza, sem carinho, em Denbigh, na região de Gales. Recebeu primeiro o nome de John Rowlands, do pai, que morreu logo depois do seu nascimento. Abandonado pela mãe, o menino foi pouco depois colocado numa casa que o acolheu para criar, ali permanecendo até completar seis anos. Então, como não fosse enviado dinheiro algum para o seu sustento, levaram-no para o Asilo União de São Asaph, uma triste instituição para menores abandonados. Lá, durante nove anos, foi mal alimentado e surrado com tal freqüência, que um dia revoltou-se contra um superior cruel (um sadista que morreu mais tarde num hospício), espancou-o até deixá-lo desacordado e, pulando o muro do estabelecimento, fugiu.

Conseguiu trabalho apropriado à sua idade numa camisaria, depois num açougue, por fim embarcou para Nova Orleans como taifeiro. Naquela cidade travou relações com um comerciante bondoso, chamado Henry Morton Stanley, que o adotou sem ser legalmente, mas deu-lhe seu próprio nome. Após lutar pelo Sul na Guerra Civil americana, o jovem Stanley ingressou no jornalismo. Fez reportagens sobre as correrias dos índios no Oeste americano, e foi enviado à Ásia Menor como correspondente. Tendo chamado a atenção de James Gordon Bennett, Jr., diretor-gerente do *Herald* de Nova York, recebeu Stanley um pedido para fazer a cobertura de uma expedição inglesa à Abissínia [atual Etiópia], que pretendia libertar dois cidadãos britânicos. As suas brilhantes reportagens enquanto lá esteve valeram-lhe o lugar de correspondente permanente do *Herald*.

Mais tarde, em 1869, Bennett deu uma ordem que deveria tornar famoso o nome de Stanley. O jovem repórter foi encarregado de conduzir uma expedição ao coração da África para procurar David Livingstone, o famoso missionário inglês que lá se perdera para o mundo. Livingstone, escocês de coração puro, pioneiro de explorações e obras pias, era conhecidíssimo na Grã-Bretanha por suas jornadas através da África e por sua luta contra o tráfico de escravos africanos. Houve grande agitação em torno do seu desaparecimento. Bennett tirou partido da situação, ao enviar Stanley à procura de uma agulha no palheiro africano.

Em caminho, Stanley foi recebendo encargos de fazer reportagens sobre outras aventuras, o que o atrasou, mas em 1871 havia reunido a sua expedição em Zanzibar, uma ilha ao largo da costa oriental africana. A expedição consistia em 192 homens, dos quais apenas três eram brancos. Iniciaram a marcha pela savana agreste na antiga República de Tanganica [Tanzânia], sob um calor exaustivo, atravessando rios transbordantes. O avanço era prejudicado por motins e deserções, por varíola, elefantíase e outras doenças tropicais, e por escassez de víveres.

Impávido, Stanley prosseguiu na marcha durante oito meses, até que um dia teve notícia de que havia um homem branco a pouca distância dali. Em 10 de novembro de 1871 alcançou a povoação de Ujiji, às margens do Lago Tanganica. Ali se encontrou finalmente em presença de um senhor grisalho, de aparência frágil. Ao aproximar-se, tirando o capacete de cortiça, Stanley pronunciou a saudação que associou o humor à história: "Dr. Livingstone, suponho?"

O veterano missionário ficou radiante ao vê-lo. Durante quase quatro meses de companheirismo viajaram juntos, aprendendo Stanley com o ancião as tradições africanas e o amor ao próximo. Mas Livingstone não quis deixar a África. Confiou todos os seus papéis a Stanley, disse-lhe adeus, e nunca mais tornou a ser visto por homens brancos.

De volta a Londres, Stanley foi recebido com aclamações entusiásticas por um lado, e com grandes desconfianças por outro. Os seus detratores declaravam que um homem sem experiência não poderia ter penetrado até onde ele pretendia ter chegado; acusavam-no de ter falsificado os documentos de Livingstone. Mas estes foram autenticados pelos parentes do missionário, e as honrarias prevaleceram. A própria Rainha Vitória lhe enviou um presente, com as suas felicitações.

O curso da vida de Stanley fora determinado pelo seu encontro com Livingstone. O famoso jornalista resolveu dar continuação à obra do velho missionário: desbravar o continente, levando a luz aos povos que o habitavam. Daí em diante viajou sempre com uma Bíblia, para levar o seu verbo aonde quer que fosse.

Em 1874, como chefe de uma expedição anglo-americana, Stanley explorou as cabeceiras do Nilo e circunavegou o Lago Vitória, sua nascente principal. Explorou o Lago Tanganica e conduziu o grupo pela correnteza do desconhecido Congo, um dos maiores rios do mundo.

Os perigos que enfrentou embranqueceram-lhe os cabelos quase completamente. Sua expedição foi atacada por tribos hostis com flechas envenenadas. Muitos dos seus homens foram prostrados pela malária, a disenteria e a varíola, e o próprio Stanley foi acometido de febre. Seus três companheiros brancos morreram durante a marcha. De regresso à Europa, macilento, foi aclamado como o primeiro explorador que acompanhou o curso do Congo, por 4.700 quilômetros, até a foz. Havia atravessado todo o continente africano, de leste a oeste.

O feitiço da África tinha-se apossado de Stanley; seus ouvidos escutavam continuamente o engodo dos pássaros estranhos que o chamavam dá selva. Recordava a beleza selvagem de seus povos, com os corpos brilhantes de ébano, fantasticamente ataviados; recordava as feras em liberdade, as borboletas como jóias incrustadas de pedrarias, as orquídeas. Pensava no Congo, acima de tudo, como um desafio à civilização, pois suas tribos necessitavam da luz do cristianismo... e era rico em borracha e marfim. Leopoldo II da Bélgica percebeu também as possibilidades comerciais do Congo, e, em 1879, Stanley consentiu em conduzir uma expedição belga até lá.

Durante cinco anos e meio lutou contra uma região que possuía o clima mais debilitante do mundo, e que era habitada por diversos milhões de selvagens hostis, muitos deles canibais. Estabeleceu 22 postos no Congo e seus tributários, colocou no rio quatro pequenos vapores. Construiu uma estrada circundando as cataratas no baixo Congo, que impedem a navegação até ao mar. Ele próprio trabalhava. Ao vê-lo manejar a marreta, os africanos apelidaram-no de "*Bula Matari*" ("O Quebra-Pedras"), nome que lhe ficaria para sempre.

Quando voltou à civilização, Stanley era mundialmente famoso. Realizou conferências em todo o mundo e escreveu muitíssimo. Suas aventuras enchem as páginas de *Como Encontrei Livingstone, Através do Continente Negro*, e *O Congo e a Fundação do Seu Estado Livre*. Conservou-se, porém, uma figura solitária, inquieta, e em 1887 encontrou-o novamente a caminho da África, encarregado de uma missão complexa.

O Sudão, agreste e bárbaro, ao sul do Egito, com um milhão e meio de quilômetros quadrados, tinha estado sob o domínio britânico até ao levante que custara a vida do General Charles George Gordon, o "Chinês". Tudo no Sudão parecia perdido até que se descobriu que um dos lugares-tenente de Gordon, um europeu cujo passado era cheio de altos e baixos, chamado Emin Pachá, se mantinha

como Governador de Equat6ria, a prov6ncia mais meridional. Emin Pach6 conquistou a imagina76o dos ingleses na Gr6-Bretanha, e Stanley foi enviado em seu socorro.

Essa jornada de Stanley foi a mais penosa de todas. O percurso que levava a Emin cortava a Grande Floresta do Congo, uma selva t6o espessa que o sol mal conseguia penetrar a asfixiante massa de 6rvores. Muitos dos componentes da expedi76o de Stanley morreram, ele pr6prio sofreu terr6veis males g6stricos, e a sua miss6o n6o foi de todo bem sucedida. (Uma vez encontrado, Emin recebeu o socorro com consider6vel relut6ncia.) Mas, Stanley uma vez mais desvendara territ6rios virgens aos olhos do homem branco.

De volta 6 Inglaterra, foi tratado com considera76o toda especial. Teve tempo para solidificar sua antiga amizade com Miss Dorothy Tennant, uma senhora de 36 anos, bela e muito prendada. Em julho de 1890, Stanley, ent6o com 49 anos, desposou-a na Abadia de Westminster. Estava, por6m, t6o fraco em conseqü6ncia dos ataques de mal6ria e gastrite que teve de sentar-se durante parte da cerim6nia.

Ap6s repousantes viagens pela Europa, Stanley ficou suficientemente restabelecido para realizar uma s6rie de confer6ncias pelos Estados Unidos e, depois, pelas Ilhas Brit6nicas, Austr6lia, Nova Zel6ndia e Tasm6nia. As palestras eram sempre sobre a 6frica; tinha o pensamento sempre voltado para l6, e a esposa temia perd6-lo para a magia negra daquele continente. Por essa raz6o persuadiu-o a candidatar-se ao Parlamento, onde poderia favorecer os interesses africanos, sem se expor. Na primeira campanha perdeu; mas na segunda, tr6s anos depois, venceu e exerceu o mandato por cinco anos.

Mas ainda reviu a 6frica uma vez mais, em breve visita 6 Rod6sia [Zimbabw6], ao Transval, ao Estado Livre de Orange e a Natal [antiga prov6ncia da 6frica do Sul]. Sentia, por6m, saudades da esposa e do menino que haviam adotado, e estava disposto a levar uma vida tranqüila, num verdadeiro lar. Ele e Dorothy escolheram uma casa enorme, em estilo T6dor, perto de Pirbright, em Surrey, onde viveu os anos que lhe restavam. Foi feito nobre aos 58 anos. Recebera todas as honrarias; sua vida de fam6lia era completa.

A 6ltima jornada do grande viajante foi at6 Londres, em ambul6ncia. Enquanto ali ficou moribundo, ele delirava, gritando: "Oh! Quero ser livre! Quero ir para a floresta para ser livre!" Quando o Big Ben bateu as quatro badaladas da madrugada do dia 10 de maio de 1904, Stanley murmurou: "Que estranho! Ent6o chegou o momento!" Duas horas depois falecia.

Sobre o seu t6mulo, em Pirbright, repousa uma grande pedra, na qual est6o inscritos apenas o seu nome e datas, o nome que lhe foi dado pelos nativos, "*Bula Matari*", e na base a palavra que resume a sua vida: 6FRICA.

Sele76es do Reader's Digest, agosto de 1963